

EXEMPLO DE
SUPERACÃO

A saga de uma jovem para se formar em medicina

Após passar 10 anos fora da escola, enfrentar dificuldades financeiras em casa, questões de saúde mental e concluir os estudos pelo EJA, Rithiele Souza Silva formará em medicina pela UnB

» JÚLIA GIUSTI*

Determinação para perseguir o sonho até o fim é para poucos. Quando se trata de medicina, profissão de maior prestígio no país, segundo dados do Observatório Febraban, diversos fatores podem interferir na jornada de um estudante, como alta concorrência, disposição de recursos financeiros, complexidade do curso e questões pessoais. Para Rithiele Souza Silva, 30 anos, nenhum deles foi suficiente para afastá-la do desejo de se formar no ensino superior, sendo a primeira da família a concluir uma faculdade, e de levar o diploma de médica pela Universidade de Brasília (UnB) para casa.

Na adolescência, a jovem abandonou os estudos mais de uma vez por problemas familiares, dificuldades financeiras e situações envolvendo a saúde mental. Moradora de Sobradinho, a vida dela foi marcada pelo convívio frequente com médicos e tratamentos, em razão de sua deficiência: paralisia hemiplérgica cerebral. Por isso, admirando o trabalho daqueles profissionais, a medicina surgiu para ela como grande ambição.

“Cuidar de pessoas é o que gostaria de fazer. Não tinha idealização, até porque isso era distante da minha realidade. Mas havia uma vontade de ficar bem na vida, e passei a me ver naquele lugar. A medicina me escolheu”, descreve.

Este ano, após interromper os estudos para ajudar no sustento junto à mãe, que é cozinheira e vende marmitas, passar cerca de 10 anos fora da escola, no total, pelos cálculos dela, superar um quadro de depressão e concluir o ensino médio por meio da Educação de Jovens e Adultos (EJA), Rithiele vai se formar médica pela UnB, em agosto. “Quando entreguei o convite da formatura, acionei uma contagem regressiva; caiu a ficha”, conta, emocionada.

Dificuldades

Quando cursava o oitavo ano do ensino fundamental, aos 13 anos, a futura médica diz que deixou os estudos pela primeira vez, em razão de uma depressão. Na mesma época, a mãe dela engravidou da filha mais nova, sem ter rede de apoio, e a família enfrentava dificuldades financeiras. A estudante optou por ficar em casa ajudando a mãe.

Aos 17 anos, não conseguiu completar o ensino médio pelo EJA, pois era menor de idade, então a Secretaria de Educação determinou que ela voltasse ao ensino regular, o que não ocorreu. “Eu não tinha a mesma condição dos meus colegas, vinha sem bagagem nenhuma de conteúdo. Então, preferi começar a trabalhar, porque achei que não valia a pena voltar a estudar”, relata.

Durante o período fora da escola, Rithiele teve vários empregos: vendedora de roupas e de maquiagem, atendente no Ministério das Comunicações e em lojas de departamento. Ela diz que sua mãe nunca apoiou o abandono dos estudos, mas que, com o tempo, percebeu que era “a melhor escolha naquele momento”, pela impossibilidade de pagar alguém para ficar com a irmã mais nova: “A situação estava difícil para nós duas”. Porém, ela não desistiu. Aos 22 anos, a estudante concluiu a educação básica pelo EJA e decidiu que faria ensino superior.

Motivação

Para a jovem médica, sua maior motivação sempre foi a família. Em casa, a visão sobre o estudo era objetiva, sem muitas projeções so-

bre faculdade ou especializações: “Você estuda até onde conseguir e, depois, arruma um emprego; vai levando a vida”. Ao contrário da perspectiva familiar, a formanda insistiu na educação por enxergá-la como meio de trazer melhores condições de vida à mãe, que estava desempregada e havia acabado de perder o restaurante com a pandemia de covid-19, em 2020.

“Na época, eu estava casada e me sentia pressionada por vê-la precisando de mim e não estar perto, não poder ajudá-la. Às vezes, lhe faltava o básico, como fazer uma compra”, compartilha. Assim, a estudante começou a se preparar para o vestibular de medicina com apoio do ex-marido e, durante dois anos, já morando no Plano Piloto com ele, pôde se ocupar dos estudos em tempo integral.

Dedicação

Para fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), Rithiele estudou sozinha por mais de 10 horas diárias, por meio de plataformas on-line e do programa da Secretaria de Educação Bora Vencer, que oferece aulas gratuitas preparatórias para o Enem. “Eu fazia tudo o que era necessário para ser aprovada.

Tive essa disciplina forçada e estabeleci uma rotina”, expõe.

Em 2018, passou para odontologia na UnB, mas não assumiu a vaga por não ser seu foco principal. Um ano depois, 2019, veio a notícia da aprovação em medicina, por meio de cotas para Pessoas com Deficiência (PcDs), no Sistema de Seleção Unificado (Sisu), plataforma que usa a nota do Enem e adotado pela UnB até aquele ano. “A primeira vez que fiz a prova, nem sabia como o vestibular funcionava. No dia em que passei, nem acreditei. Minha mãe ficou muito emocionada, e minha família se orgulha de mim”, relembra, sorridente.

Boas histórias

Durante os seis anos no curso de medicina, marcado pela experiência prática no Hospital Universitário de Brasília (HUB) nos dois anos finais da formação, Rithiele traz histórias marcantes da convivência com colegas e professoras que levará para a vida toda. Uma das profissionais em que se inspira é a coordenadora do curso, Dra. Selma.

“Ela me deu muitas oportunidades, foi como uma mãe para mim, me ajudou psicologicamente